

ALMAS ALGORÍMICAS: APORTES SOBRE A IA NO HORIZONTE DA FÉ – PARADOXOS ENTRE A CRIAÇÃO, IMAGO DEI E O CÁLCULO

Silas Barbosa Dias¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão teológica sistemática sobre os impactos da inteligência artificial (IA) na espiritualidade cristã contemporânea. A partir do conceito de *Imago Dei*, da ética da criação e da vocação escatológica da fé cristã, o texto analisa como os avanços da IA desafiam, espelham e reconfiguram o entendimento antropológico e espiritual da tradição cristã. Inspirado por uma abordagem crítica e profética, o estudo estrutura-se em quatro eixos: antropologia teológica, espelhamento tecnológico, espiritualidade encarnada e discernimento teológico. A proposta visa oferecer ao campo teológico uma leitura lúcida, comprometida e esperançosa diante das “almas algorítmicas”.

Palavras-chave: inteligência artificial; teologia cristã; espiritualidade; antropologia teológica; ética tecnológica; Imago Dei.

37

ABSTRACT

This article proposes a systematic theological reflection on the impacts of artificial intelligence (AI) on contemporary Christian spirituality. Drawing on the concept of *Imago Dei*, the ethics of creation, and the eschatological vocation of Christian faith, the text analyzes how AI challenges, mirrors, and reshapes anthropological and spiritual understandings within the Christian tradition. Structured around four main axes— theological anthropology, technological mirroring, embodied spirituality, and theological discernment—this study seeks to offer a lucid and hopeful reading of the theological implications of algorithmic souls.

Keywords: artificial intelligence; Christian theology; spirituality; theological anthropology; technological ethics; Imago Dei.

¹ Dr. Silas Barbosa Dias, PhD. É doutor em Teologia pela Free University Amsterdam. Mestre em Estudos Ecumênicos pela Universidade de Genebra. Bacharel em Teologia. Licenciatura com habilitação em Filosofia, Psicologia e História (MEC “L” 174.517). É especialista em Psicoterapia e Psicanálise. Secretário de Educação Teológica e Educação Continuada da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). Docente na UniFil (Universidade Filadélfia de Londrina) desde 2001. Autor de oito livros nas áreas de teologia, espiritualidade e desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

Nunca estivemos tão cercados por vozes inteligentes — e tão ameaçados de silenciar a única que realmente nos transforma: a voz do Espírito.

Vivemos na era da Inteligência Artificial (IA), definida como a 5ª Revolução, a maior revolução tecnológica da história humana, impactando profundamente a vida social, econômica, ética e espiritual.

Enquanto escrevia esse artigo, recebi belas canções criadas pela IA musicalizando as poesias de meu amigo “Valdô. Semana passada participei de uma imersão de 12 horas sobre IA, com 2.100 inscritos, online (Grupo acelerador). Diante do qual, perguntei: Qual o lugar da teologia nisso tudo? O que é, realmente, ser humano nesse mundo tecnológico, quase humano. Como viver no paradoxo da criação e do cálculo? – O verbo (*logos*) se fez carne, não bytes.

Frente a essa realidade, a teologia cristã é convocada a repensar, com rigor e profundidade assertiva, seu discurso antropológico e sua compreensão da espiritualidade diante do avanço tecnológico sem precedente. Este artigo busca refletir sobre essas interações complexas, iluminando desafios e possibilidades diante das “almas algorítmicas”.

A revolução tecnológica em curso é um terreno fértil para a reflexão teológica. Desde a década de 1950, tentamos dotar os computadores de inteligência artificial. Tudo sobre esse projeto sem precedentes de criar um *outro* inteligente, está repleto de significado teológico – as ambições e suposições que o alimentam, seus sucessos, seus fracassos e as possibilidades emocionantes que ele promete trazer.

Neste contexto surgem questões intrigantes para a reflexão teológica. Quem pergunta é Marius Dorobantu e seu artigo Inteligência Artificial e Cristianismo: Amigos ou Inimigos? (Dorobantu, 2024.) Questões como: As máquinas inteligentes poderiam se tornar eus autênticos? Em caso afirmativo, eles também poderiam participar da imagem de Deus? O imaginário cristão poderia imaginar um futuro em que os robôs desenvolvessem sua própria religiosidade e robotheologia? Os robôs também poderiam aspirar a ser salvos? (Dorobantu, 2024).

A tradição cristã sempre defendeu que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (*Imago Dei*), possui dignidade e singularidade inerentes, que

se traduzem numa personalidade relacional, consciente, moral e espiritual. Contudo, o desenvolvimento acelerado da IA desafia diretamente essas compreensões cristãs. As capacidades crescentes das máquinas levantam questões inquietantes: poderiam os robôs algum dia adquirir características típicas da **Imago Dei**, como consciência ou capacidade relacional com Deus?

Diversas perspectivas teológicas argumentam contra a redução da **Imago Dei** a atributos puramente funcionais ou cognitivos, como inteligência ou racionalidade, justamente por temerem uma eventual replicação tecnológica. A personalidade humana, segundo esta visão, não pode ser resumida a uma função computacional, sendo essencialmente espiritual e relacional, orientada para a comunhão com Deus e com o próximo. Este critério relacional – existencial e emocional - emerge como diferencial antropológico, sustentando uma fronteira teológica clara entre humanos e IA. Estes fatores colocam em caos uma religiosidade de meras palavras, sem coração – as quais já perdem em muito da IA. Mas cristianismo não são apenas palavras ortodoxas, mas paixão por Deus, pela vida e pela Igreja.

39

No entretanto, precisamos afirmar que a IA não apenas questiona as fronteiras teológicas, mas também atua como um espelho tecnológico, refletindo nossa própria humanidade. O fascínio pela criação de uma inteligência "outra" revela aspirações profundas, ansiedades existenciais e, talvez, uma dimensão quase divina do desejo humano de criar vida ou consciência artificial – isto constitui nossa tentação desde o Éden, proposta pela velha serpente tagarela.

É neste contexto, que se revela uma oportunidade ímpar para reflexão espiritual e antropológica, pois as máquinas podem ajudar a explicitar ainda mais a complexidade e profundidade humana, destacando aquilo que é genuinamente espiritual e irreduzível à lógica algorítmica – a mera religião congelada está com os dias contados.

Por outro lado, é essencial reconhecer a tensão ética inerente ao avanço da IA. A tradição cristã deve lidar cuidadosamente com essa tecnologia, percebendo-a simultaneamente como expressão da criatividade humana, reflexo da mordomia divina sobre a criação, mas também como uma potencial ameaça ética, espelhando a fragilidade e a queda humana. A IA, neste sentido, é uma "faca de dois gumes", que requer discernimento espiritual e responsabilidade ética contínua. Aqui a ética com-

plexa de Edgar Morin, se faz necessária em seu caráter tríplice: Auto ética, a socio-ética e a antropológica, ou seja, o indivíduo, a sociedade e a espécie. (Morin, 2005).

A revolução tecnológica atual exige uma resposta teológica renovada, que não se esquivar dos desafios impostos pelas inteligências algorítmicas, mas que busque dialogar profundamente com elas. Como destacou o filósofo Michael Langford, (2022), o rápido desenvolvimento da IA demanda sabedoria digital, incluindo uma reflexão teológica constante, para que possamos compreender o que Deus está dizendo sobre o mundo e sobre nós mesmos nesta era digital.

Neste contexto, o papel da teologia é oferecer não apenas resistência crítica às tendências reducionistas da modernidade tecnológica, mas também uma visão positiva e enriquecedora da espiritualidade cristã, capaz de dialogar e interagir com os desafios contemporâneos, incluindo as "almas algorítmicas". O futuro da experiência espiritual cristã não deve temer as tecnologias emergentes, mas antes, integrá-las em uma visão ampla e renovada de uma humanidade cada vez mais conectada, consciente e espiritualmente profunda. A primeira missão dada ao ser humano nos dias de Adão de ser um cuidador na criação, juntamente com a criatividade expressa no ato de "nomear os animais", é um dom como princípio gerador de *teknos* e cultura. O humano desde seu princípio básico de criação é criador de cultura e de tecnologia.

Vejamos, portanto, alguns aportes sobre o tema:

1 A IMAGO DEI SOB INTERROGAÇÃO ALGORÍTMICA

Desde os primeiros capítulos da Escritura, o ser humano é compreendido como portador da *Imago Dei* – a imagem de Deus. Esse conceito, central à identidade cristã, envolve dignidade, relacionalidade, liberdade moral e vocação espiritual. Contudo, à medida que as máquinas passam a simular traços da cognição humana – linguagem, raciocínio, criatividade – somos levados a reconsiderar o que, de fato, nos torna humanos. Poderia uma IA, por mais avançada que seja, participar da *Imago Dei*? A resposta é clara, não. Pois, a resposta não reside em funções ou habilidades de criar orações, sermões e boas articulações ortodoxas de doutrina, mas

na abertura à transcendência e na capacidade de relacionamento existencial, emocional e de intimidade com Deus.

É verdade que a IA desafia concepções antropológicas reducionistas. Ela nos força a abandonar qualquer definição do humano baseada apenas em racionalidade ou produtividade. Se a IA pode compor músicas, simular afetos ou responder conselhos pastorais, o que ainda nos torna únicos? Talvez seja precisamente o que não se mede em cálculos: o amor que se entrega, a oração que transcende, o sofrimento que redime, a comunhão que humaniza. Eis os traços inimitáveis da alma humana. A *Imago Dei* não é simulável; ela é recebida, revelada e relacional. E é nesse ponto que nossa verdadeira humanidade é potencializada. A IA, está a nos desafiar no mundo teológico a nos redescobrir como verdadeiramente humanos como *Imago Dei*.

2 O OUTRO ALGORÍTMICO COMO ESPELHO ANTROPOLÓGICO

41

O fascínio pelo “outro algorítmico” revela dimensões profundas da alma humana. Crer que uma máquina possa pensar ou sentir, ainda que simbolicamente, revela não apenas a potência da tecnologia, mas a nossa ânsia por transcendência, nosso desejo de criar à nossa imagem. Esta vocação criadora é ambígua: ao mesmo tempo expressão da criatividade divina em nós, e reflexo do antigo anseio de “ser como Deus” (Gn 3.5).

A IA funciona também como metáfora e espelho. Ela reflete nossas limitações e nossos anseios mais íntimos: o medo da morte, o desejo de onisciência, o impulso criador. Esse espelho tecnológico revela a necessidade de um resgate contínuo da vocação original do ser humano, que é amar, servir e refletir o caráter de Deus. A teologia, ao invés de reagir com nostalgia ou temor, é chamada a interpretar tais sinais como ocasião de discernimento profético. Uma avenida majestosa se abre aos seres humanos – superar uma religiosidade gélida para uma teologia que faça arder o coração na presença do ressuscitado – coisa que jamais será produzida pela IA.

Entendo que a presença de um “outro” que pensa algorítmicamente nos força a perguntar com mais precisão quem somos. Se o outro robótico pode simular

ações, comportamentos e linguagens humanas, é necessário um aprofundamento antropológico que defina o ser humano não apenas por suas capacidades operacionais, mas por sua capacidade de transcendência, de comunhão e de autodoação. O amor é medicina – fé cristã é participar dos bens futuros, é deixar-se tocar pela eternidade no tempo.

3 ESPIRITUALIDADE NA ERA DIGITAL

A espiritualidade cristã precisa confrontar a ascensão da IA com coragem profética. Não se trata de rejeitar o avanço tecnológico, mas de discernir seus significados. O desafio não está em saber se robôs poderão um dia orar, mas em perguntar se o ser humano ainda ora com o coração inteiro. A era digital desafia-nos a viver uma fé encarnada, consciente, relacional – em contraste com a lógica algorítmica da eficiência e da simulação. O futuro da teologia em sua espiritualidade será compreender o que afirmou Urs von Balthasar, “somente o amor é digno de fé”. Ou seja, a teologia somente será viável se esse relacionamento de intimidade crescente que marcou a vida dos profetas, dos apóstolos e de Jesus, for vivida como modo de ser. Em outras palavras, ou seremos íntimos de Deus, ou simplesmente não seremos.

42

Portanto, a IA nos convoca a mergulhar mais profundamente na experiência espiritual autêntica. A oração, o silêncio, a escuta, a compaixão – estas são dimensões da vida cristã que nenhuma máquina poderá jamais reproduzir. Assim, o confronto com a IA pode se tornar um catalisador para uma espiritualidade mais consciente e transformadora. Eis nosso desafio, à frente.

Chegou a hora de perguntarmos: Como cultivar uma fé robusta em tempos de automação? Como manter viva a chama do discipulado em meio à avalanche de estímulos digitais? A resposta reside numa espiritualidade que resiste à lógica do desempenho e se ancora no mistério da graça. O Evangelho continua sendo boa notícia – não para algoritmos, mas para pessoas inteiras. Fé é, sobretudo, fé, ou seja, confiança – entrega total, Deus como preocupação última (*ultimate concern*).

4 TEOLOGIA COMO DISCERNIMENTO DOS ALGORITMOS

É urgente que a teologia cristã se posicione não como espectadora temerosa, mas como interlocutora lúcida. Isso implica resistir às ilusões de uma salvação tecnológica e rejeitar o medo paralisante diante do novo. A espiritualidade cristã, enraizada no Deus encarnado e no Espírito que vivifica, tem muito a oferecer: uma antropologia integral, uma ética da alteridade e uma esperança escatológica que não se rende ao cálculo. Deus veio em Jesus Cristo, continua vindo e virá em glória. Deus, nos chama a um alinhamento de propósito, em Sua presença, sob a égide de suas promessas, vivendo de Suas inigualáveis provisões.

A era das “almas algorítmicas” não é um apocalipse inevitável nem uma utopia redentora. É um tempo de decisão espiritual. A teologia, se deseja permanecer fiel à sua vocação profética, deverá discernir os sinais dos algoritmos com o mesmo zelo com que outrora leu os sinais dos tempos. O *Logos* que se fez carne continua a interpelar o mundo – mesmo quando este se expressa em redes neurais e linguagens de máquina. O verbo se fez carne, - não algoritmos, - e habitou entre nós e vimos a Sua glória, glória do unigênito do Pai.

43

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das profundas transformações provocadas pela inteligência artificial, cabe à teologia cristã discernir, interpretar e anunciar com coragem e sabedoria os fundamentos da fé no contexto da tecno cultura. As “almas algorítmicas” não substituem a alma vivificada pelo Espírito Santo, mas provocam a tradição cristã a aprofundar seu compromisso com a dignidade humana, com a ética relacional e com a espiritualidade encarnada, mesmo em meio à complexidade dos tempos atuais.

Ética, como nos lembra Edgar Morin, exige complexidade, compaixão e religião (Morin, 2005). A presença da IA impõe à teologia uma ampliação do olhar, um reposicionamento diante da técnica e uma reconfiguração do próprio discurso sobre o que é ser verdadeiramente humano.

Não se trata de competir com os algoritmos, mas de lembrar que a verdadeira sabedoria está na capacidade de unir, de conectar, de preservar o laço

entre o finito e o infinito, entre a carne e o espírito, entre o dado e o dom. Que ser humano é aceitar e ser aceito, amar e ser amado, ajudar e ser ajudado. Perdoar e ser perdoado. Criados para o louvor da glória de Deus, de fato, para usufruir da glória de Deus, em Jesus Cristo, pelo Seu Espírito.

A missão da teologia, hoje, é oferecer um discernimento que não negue a ciência, mas que também não idolatre a técnica. Que seja capaz de afirmar com ousadia que o ser humano continua sendo imagem do Criador (*Imago Dei*), mesmo em um mundo programado. Que proclame, com esperança, que a graça não pode ser automatizada, e que o amor não cabe em sistemas binários.

Na era das máquinas que aprendem, que os discípulos de Cristo não deixem de aprender a amar, a escutar e a servir. E que a espiritualidade cristã, confrontada com a inteligência artificial, reencontre sua essência mais profunda: viver pela fé, movido pela esperança e enraizado no amor. Entendendo que a fé cristã, se faz laborando, orando e vivendo. Se apenas o amor é digno de fé, então toda tecnologia que não se curva diante do mistério da relação íntima com Deus e da transcendência corre o risco de nos desumanizar enquanto promete nos aprimorar.

44

Soli Deo Glória.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs von. *Sólo el amor es digno de fe*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018.

COGHILL, George M. *Artificial Intelligence and Christianity: Who? What? Where? When? Why? and How? Studies in Christian Ethics*, v. 36, n. 3, p. 604–619, 2023.

DIAS, Silas Barbosa. *Síntese de uma Investigação Contemporânea: Inteligência Artificial e Espiritualidade Cristã*. Londrina: Arquivo pessoal, 2025.

DOROBANTU, Marius. *Artificial Intelligence and Christianity: Friends or Foes? In: SINGLER, Beth; WATTS, Fraser (Eds.). The Cambridge Companion to Religion and Artificial Intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

HERZFELD, Noreen. *In Our Image: Artificial Intelligence and the Human Spirit*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2002.

LANGFORD, Michael D. *A Theological Framework for Reflection on Artificial Intelligence*. Seattle Pacific University: SPU Works, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.spu.edu/works/171>

MORIN, Edgar. *O Método 5: A Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.